



# Introdução para os optimistas

Alice Vieira

Deixem-me ser optimista e pensar que, no ano 2000, as crianças vão continuar a ouvir contar as histórias da Branca de Neve, da Gata Borralheira, da Bela Adormecida, do Capuchinho Vermelho, da Carochinha, da Pele de Burro, do Polegarzinho, do Gato de Botas.

Deixem-me ser optimista e pensar que as crianças que neste preciso momento estão a nascer, e que no ano 2000 terão 13 anos, irão ainda ler aquilo que, nos seus países e ao longo do tempo, se foi escrevendo para elas.

Deixem-me ser optimista e pensar que, no ano 2000, as mães e os pais ainda não foram substituídos por nenhum «robot» na hora de deitar os filhos pequenos.

Deixem-me ser optimista e pensar que, no ano 2000, as bibliotecas estão cheias de crianças, e as crianças cheias de livros, e os livros cheios de histórias esplendorosas, histórias que foram feitas por escritores a tempo inteiro, apoiados, acarinhados, vivos.

Deixem-me ser optimista

e pensar que, no ano 2000, as máquinas vão servir para aliviar o trabalho das pessoas, para lhes criar mais tempo de lazer e prazer, para finalmente fazer da vida uma coisa que valha a pena.

Mas...

Mas porque se vive, cada vez mais, em tempo de ou isto ou aquilo, ou bom ou mau, ou tudo ou nada, sem a possibilidade daquele meio termo onde dantes se acreditava estar a virtude, imaginemos então que o optimismo se esgotou.

Poderemos então imaginar esta história infantil — que eu, apesar de tudo, espero que nunca ninguém escreva.

## História para os pessimistas

Era uma vez um sítio, nem feio nem bonito, apenas um sítio. E era uma vez um grande silêncio que gritava por dentro dos ouvidos

das pessoas. As pessoas olhavam de vez em quando umas para as outras, e iam lentamente aprendendo a dizer as palavras necessárias.

Um dia o menino olhou para a mãe e disse:

— Quero mostrar uma coisa.

A mãe olhou para o menino e perguntou:

— Que coisa?

— Uma coisa... — repetiu o menino, que ainda sabia poucas palavras.

— Bonita? — perguntou a mãe.

O menino encolheu os ombros, o ar ligeiramente comprometido.

A mãe deu a mão ao menino e deixou-se guiar por ele. De resto era quase sempre ele que lhe indicava os caminhos, que lhe segurava a mão, que descobria o que valia a pena descobrir naquele sítio.

Ele levou-a até um lugar escuro, muito escuro, e disse: — Olha!

Mas ela não viu nada. O menino não estava decerto a dizer a palavra certa. Mas o menino voltou a dizer:



— Olha!

E de súbito foi um rápido clarão, o escuro povoado de estranhas sombras, uma leve sensação de calor, um brevíssimo momento. Assustada, a mãe olhou para as mãos do menino: seguravam duas pequenas pedras e era delas que vinha o relâmpago de luz. O menino esfregava as pedras uma na outra, e sorria feliz com a descoberta:

— Olha, mãe!

E de novo a brevíssima luz.

E de novo o brevíssimo calor.

Mas a mãe do menino não sorria. Olhava e tremia de medo, queria tirar-lhe as pedras e não conseguia, queria sair dali a todo o custo. Murmurou apenas:

— Onde encontraste isto?

E o menino:

— Ali — e apontou para um monte de pedras a seu lado.

— A quem disseste? — perguntou a mãe.

— A ti — respondeu o menino.

— A mais ninguém — insistiu a mãe.

— Mais ninguém — respondeu o menino.

Então a mãe pegou na mão dele, por esta vez seria ela a guiá-lo para lugar seguro, e levou-o para bem longe. Por momentos teve a sensação de ouvir o bater das asas de um pássaro por ali, mas não podia ser. Ao tempo que por ali não passavam pássaros. Essa era, de resto, uma palavra que o menino ainda nem conhecia. Um dia ela havia de ensiná-lo. Mas agora o perigo era grande, não dava para pensar em palavras de outros tempos. Olhou para o menino e disse:

— Isso é mau, faz muito mal, não lhe toques!

E tirou-lhe as pedras. E

enterrou-as bem fundo na terra.

— Nunca mais — disse ela.

— Nunca mais — repetiu o menino.

— Vai correr — disse a mãe.

E o menino afastou-se, à procura de outro brinquedo que não fosse tão mau como o que ele, sem querer, tinha descoberto, e que fizera os olhos da mãe tão tristes.

E a mãe ficou a olhar para o menino, tremia ainda de medo, de frio, e se alguém tivesse visto? Mas as pessoas onde estavam? Tão longe tudo.

— E se descobrem as pedras? E se descobrem o fogo? E se vem aí a quarta guerra mundial? — exclamava baixinho.

Mas logo se calou, a respiração a pesar-lhe, de medo. Ao tempo que não dizia uma frase tão comprida.

# CAETANO Totalmente demais

## CASINO ESTORIL

Gala de Despedida

Sábado 16 MAIO 21 h.

A VOZ. o ESTILO. o ESPECTACULO de Caetano Veloso que consagra em Apoteose de Despedida o êxito da sua actuação em Portugal.

E, ainda, o Jantar de Gala, as velas, as flores, a música suave das orquestras privadas, a envolvimento das luzes, a sucessão das atracções visuais, o ambiente único e intimista de um novo conceito de Casino.

Reservas

Casino Estoril — Tel. 268 45 21  
Agências de Espectáculos — ABEP — Tel.: 36 95 00/32 88 23  
Instalações da CN-Promogruppo — Tel.: 69 15 69

A. E. SAMPAIO MOTTA REPRESENTAÇÕES E TRÁNSITOS, LDA.

TRANSPORTES INTERNACIONAIS

JOSÉ LUÍS P. FERREIRA

DESPACHOS ADUANEIROS, LDA.

DESPACHANTE OFICIAL

DESPACHOS

• IMPORTAÇÃO  
• EXPORTAÇÃO  
• SEGUROS

TRÁNSITOS

• CARGA AÉREA  
• NAVIOS CONTENTORES  
• CAMINHOS-DE-FERRO  
• CAMIÕES TIR

Rua Mouzinho da Silveira, 120-1.º/2.º  
Tels. 317145/23484/382943 PPCA  
Telex 26269 SAMPAL-P  
4000 PORTO



PORTO  
MATOSINHOS  
BRAGA